



## **Você está no comando: Corpo, saúde e velhice na pauta de Veja.**<sup>1</sup>

Felipe Viero Kolinski Machado<sup>2</sup>

Márcia Franz Amaral<sup>3</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

### **Resumo**

O presente trabalho tem por objetivo analisar de que modo a Revista Veja, na reportagem *Você está no comando*, matéria de capa da edição de 18 de novembro de 2009, representa o corpo, a saúde e a velhice. Para isso, utilizou-se uma bibliografia específica, relacionada a essa temática, e como metodologia empregou-se a Análise do Discurso. Foram definidas quinze Sequências Discursivas (SD's) e, a partir da análise daquelas consideradas mais representativas, buscou-se as Formações Discursivas (FD's) que ali se apresentavam.

### **Palavras-chave**

Análise do Discurso; Representação; Revista Veja; Corpo; Velhice;

### **Introdução**

Os meios de comunicação social são agentes que se destacam no processo de representação e de construção da realidade, de formação das identidades dos indivíduos e de legitimação social.

Questões ligadas à saúde e à velhice, bem como aos cuidados que cada indivíduo deve ter consigo mesmo são pautas recorrentes na mídia e assuntos que vêm recebendo destaque nos estudos sociais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Intercom Júnior, na Divisão Temática de Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

<sup>2</sup> Acadêmico do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social dessa mesma universidade e integrante do Grupo de Estudos de Jornalismo, ligado ao CNPq. E-mail: [felipeviero@yahoo.com.br](mailto:felipeviero@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação e da Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Professora do Mestrado em Comunicação e tutora do Programa de Educação Tutorial do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [marciafranz.amaral@gmail.com](mailto:marciafranz.amaral@gmail.com).



Nesse artigo teve-se como objetivo analisar de que modo a Revista *Veja*, em uma matéria específica publicada em novembro de 2009, aborda as questões mencionadas acima, veiculando representações acerca dessas temáticas e legitimando determinadas visões em relação a elas.

### **Os meios de comunicação e a sociedade**

Embora os produtos veiculados pelos meios de comunicação não sejam um reflexo objetivo da realidade, as representações por eles fornecidas assumem um papel fundamental no processo de construção da realidade e das identidades dos indivíduos.

Kathryn Woodward ao falar em representações aponta que é por meio de seus significados que “damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”. (WOODWARD, 2000, p. 17.).

Nesse mesmo sentido, Stuart Hall salienta que aos *media* está relacionada a responsabilidade de “prover a base pela qual grupos e classes sociais constroem uma imagem das vidas, práticas e valores de outros grupos e classes.” (HALL, 1997, p. 341 apud ESCOSTEGUY, 2001, p. 63).

Considerando tais afirmações e tomando, ainda, as identidades como uma construção que se dá no próprio discurso, compreende-se que essas identidades

emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão, do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma “identidade” em seu significado tradicional. (HALL, 2000, p. 109.)

Partindo desses pressupostos, percebe-se que é, principalmente, por meio das representações, incorporadas e veiculadas, dos meios de comunicação que as identidades são constituídas e, de modo ativo, assumidas pelos sujeitos. Percebe-se, ainda, que as compreensões acerca daquilo que é diferente e desconhecido também se dão nessa arena e que, do mesmo modo, também é ali que se reflete uma série de valores que já estão na sociedade.

### **A análise de Veja**



Optou-se pela análise de *Veja* devido ao fato dessa revista possuir, de acordo com dados da Associação Nacional de Editores de Revista (ANER), uma circulação média superior a 1 milhão de exemplares (entre janeiro e outubro de 2008) e, desse modo, corresponder à principal publicação de caráter impresso e semanal do Brasil.

Já essa reportagem específica foi selecionada pela temática (relacionada ao corpo, à saúde e à velhice), pela relação que é estabelecida entre o sujeito contemporâneo e essas questões e por fazer parte de uma pesquisa mais ampla que está em fase inicial.

Metodologicamente, buscou-se inspiração na Análise do Discurso, de linha francesa, que se propõe não apenas ao estudo do texto, mas de todos os sentidos ali presentes e, também, externamente produzidos. Considerou-se, para tanto, que o discurso não acontece no texto (MACHADO, 2008) e que os seus sentidos não estão ali cristalizados.

### **Você está no comando**

Esse é o título da matéria de capa da edição de dezoito de novembro de dois mil e nove da Revista *Veja*. A reportagem trouxe como chamada “Corpo – o novo manual de uso” e fazia parte de uma seção intitulada *Medicina*. Considerando o teor do texto, que será apresentado a seguir, contudo, observa-se que ele poderia perfeitamente estar na seção *Comportamento*.

A reportagem inicia com a imagem de uma mulher, composta em partes por uma fotografia e em partes por traços. Sentada, com as pernas cruzadas e as palmas das mãos apoiadas no chão, ela joga o pescoço para trás, em uma postura que remete ao relaxamento e ao descanso. Essa figura, e também o texto da página seguinte, são atravessados pelo título: *Você está no comando*.

Ao lado da imagem, ainda na primeira página, as primeiras Sequências Discursivas (SD's) são representativas do discurso presente na publicação. “Conhecer o funcionamento do organismo é o primeiro passo para a longevidade saudável e feliz.” e “Nunca é tarde para começar a se cuidar: a partir dos 50 anos é possível controlar 80% do destino de sua saúde.” foram definidas como SD1 e SD2, respectivamente.

A SD1, que aponta o conhecimento do próprio organismo como preponderante para uma longevidade “saudável e feliz” e, mais claramente, a SD2, que apresenta



inclusive dados percentuais que comprovariam a primeira afirmação, contribuem para o que a antropóloga Guita Grin Debert chama de *reprivatização da velhice*.

A *reprivatização* é definida como o processo que delega principalmente ao indivíduo a responsabilidade pelo seu envelhecimento. Nesse sentido, uma série de fatores são desconsiderados, ou tem o seu papel diminuído, tais como as propensões genéticas e as condições socioeconômicas. Por outro lado, práticas cotidianas e hábitos de consumo ganham uma importância cada vez maior. Para Debert, nesse contexto, a velhice

passa a ser vista como consequência do descuido pessoal, da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e de estilos de vida inadequados. O declínio inevitável do corpo, o corpo de que não responde às demandas da vontade individual, é antes percebido como fonte de transgressões e por isso não merece piedade. (DEBERT, 1999, p. 227).

Em linhas gerais, essa transferência de responsabilidades quase que exclusivamente para o sujeito, dentre uma série de outros fatores, acarreta, conforme Debert (1999, p.14), a exclusão dessa questão do “leque das preocupações” dos indivíduos e da sociedade.

Desse modo, não apenas quem se torna velho, e apresenta sinais dessa condição, é visto como relapso, como o estado é eximido de sua responsabilidade de criar políticas públicas que beneficiem os idosos.

Ainda relacionado à imagem citada, há um quadro intitulado “A matemática da longevidade”. Dentre outros pontos, afirma-se que “uma vida sexual ativa, saudável e prazerosa” conferiria oito anos a mais de vida, que noites boas de sono corresponderiam a mais três anos de existência e que manter-se intelectualmente ativo garantiria pouco mais de um ano no calendário. A SD5, “E a chave para o envelhecimento proveitoso e feliz é não fumar, praticar exercícios físicos, evitar o stress e blá-blá-blá...”, reitera as informações levantadas pelo quadro e aponta novamente os hábitos do leitor como diretamente relacionados e principais responsáveis por uma vida saudável.

Em “Conhecer o seu corpo lhe dá o poder de mudá-lo, mantê-lo e fortalecê-lo.” esse mesmo sentido é defendido. A SD7 apresenta o corpo como tendo características plásticas (Debert) o que, por conseguinte, o expõe como aberto à modificações, mediante o esforço e a dedicação de cada um.



Em uma sociedade onde as aparências são hipervalorizadas e onde a velhice e as inadequações aos padrões estéticos vigentes são inaceitáveis, afirmar que o corpo que se tem é exclusivamente o resultado de uma série de ações de caráter individual apenas contribui ainda mais para a exclusão daqueles sujeitos que não são jovens ou que não preenchem uma série de outros quesitos.

A historiadora Denise Bernuzzi de Sant’Anna discute a criação dessa espécie de indivíduo soberano que, apesar de livre de distintas coações, tais como as familiares e até mesmo as genéticas, tende a ser vítima se uma série de “patologias relacionadas ao receio de não dar conta de escolher, de não conseguir atuar de modo livre” (SANT’ANNA, 2001, p. 25). Assim sendo

“Não dar conta de si mesmo” em sociedades nas quais o “si mesmo” se tornou um negócio de total responsabilidade de cada um, torna-se um novo fantasma, tão terrível quanto o antigo fantasma das culpabilidades escondidas a sete chaves. (SANT’ANNA, 2001, p. 25).

A questão, que se torna evidente mediante a análise desse material e do estudo de Sant’Anna, é que, contrariando um discurso que já é em grande parte aceito socialmente, o indivíduo não é soberano. Muito está relacionado aos seus hábitos, do mesmo modo como muito não está. Aspectos genéticos, aspectos sociais, aspectos políticos também fazem parte de uma lista de pontos aos quais a qualidade de vida, a saúde, o corpo e a velhice estão intimamente relacionados.

“Do ponto de vista biológico, as pessoas podem ser mais jovens ou mais velhas, dependendo do modo como cuidam de si mesmas ao longo da existência.”. A SD8 desconsidera a passagem dos anos como sendo a marca da juventude e da velhice e, assim como as SD’s apresentadas até aqui, reforça a tese de que hábitos saudáveis são marcas mais eficientes do que a sucessão dos dias.

Em outro trecho da reportagem, a página é ocupada quase que totalmente pela imagem de outra mulher que, novamente mesclando fotografia e desenho, se encontra em uma posição na qual encosta o pé na parte posterior da cabeça, demonstrando uma grande flexibilidade. Há novamente um quadro, dessa vez marcado pela chamada *Comer melhor para viver mais*, em que são destacados os alimentos adequados, e os alimentos inadequados, para alcançar uma maior longevidade.

Na dieta sugerida por *Veja*, frutas, nozes e pães integrais devem ser ingeridos diariamente, enquanto peixes, como a tilápia, três vezes por semana. Por outro lado,



biscoitos e sorvetes devem ser completamente excluídos, assim como arroz e açúcar brancos. Recomenda-se, ainda, não ir para a mesa faminto, comer a cada três horas e utilizar pratos menores, que aparentarão estar cheios mesmo tendo menores quantidades de alimento. Afinal, conforme apresentado anteriormente pela publicação, alimentar-se de forma regrada acrescenta mais três anos a sua vida.

Em determinado ponto do texto, o discurso da revista é ancorado nas falas do médico americano Michael Roizen, coautor do livro *Você: Manual do Proprietário*, definido por *Veja* como “um dos mais ricos compêndios sobre o funcionamento do corpo humano”. Isso pode ser exemplificado na SD 12, que aborda a prática de atividades físicas.

Com a palavra, Roizen: “Em geral, num prazo que não ultrapassa três semanas, você passa a se sentir melhor. E, em três meses, já percebe que tem mais energia”. Essa é a sensação que, segundo ele, resulta do controle sobre o destino de nossa saúde. (Veja, ed. 2139. p. 33).

Mesmo que hábitos saudáveis estejam relacionados a uma vida melhor, falar em “controle sobre o destino de nossa saúde” acarreta, conforme já foi exposto aqui, relegar a um segundo plano questões que devem ser consideradas como preponderantes.

Além disso, parece que “dedicar ao corpo mais atenção e acumular experiências prazerosas no lazer” deixaram de ser opções, na contemporaneidade, e tornaram-se “direitos inalienáveis” e essenciais para se ter saúde (SANT’ANNA 2001, p. 58).

Arelada a imagem de um homem praticando atividades físicas e a um quadro que dá instruções a serem seguidas em uma academia de ginástica (caminhe por meia hora, faça musculação), encontra-se a SD13.

Ao afirmar que “a aparência física é o espelho do autocuidado” a publicação destaca que uma menor ou uma maior quantidade de rugas e a existência ou não de gorduras localizadas são reflexos de nossa postura.

Sob tal perspectiva, a vitória ou a derrota, no que tange a aparência, transformam-se em “um mérito e um demérito relacionados unicamente às suas qualidades e deficiências.” (SANT’ANNA, 2001, p. 58).

É na quinta página da reportagem que se encerra o texto propriamente dito. São abordados uma série de mitos, relacionados à saúde e aos seus cuidados, que são comentados por especialistas. Um dos mitos consiste na afirmação de que quanto mais



caro custarem os cremes dermatológicos, maiores serão os seus benefícios. Sobre isso, o dermatologista Adilson Costa afirma que “Com 70 reais por mês é possível manter a pele do rosto dez anos mais jovem” (SD15).

Mais do que defender o combate à velhice e aos seus sinais aparentes, mais do que apontar a juventude como um valor a ser alcançado (e comprado) e mais do que excluir quem não pode, ou mesmo não quer, empregar setenta reais em cremes específicos, esse discurso novamente delega a cada um a responsabilidade pela sua aparência e pelo seu envelhecimento.

O restante das páginas são ocupadas pelo teste *Você conhece o seu corpo?*. O teste em questão traz cinquenta perguntas, com quatro opções de resposta, que visam a mostrar ao leitor o seu grau de conhecimento em relação ao funcionamento do organismo humano e aos seus cuidados necessários. São perguntas relacionadas ao lugar ideal para se praticar corrida, aos sintomas do Mal de Alzheimer e aos alimentos que podem aumentar a taxa de fertilidade. Em relação à quantidade de respostas certas, o leitor pode “não ter ideia do que fazer para manter a sua saúde”, caso acerte menos de quinze, ou mesmo “ter um ótimo conhecimento do seu corpo e de todas as ferramentas para conquistar uma vida longa”, caso acerte mais de quarenta e cinco perguntas. Tal teste apenas reforça o que já foi dito claramente no título: o indivíduo que tiver mais ou menos saúde deve isso a si próprio e aos seus hábitos.

### **Conclusão**

A partir da análise empreendida até aqui, e levando em conta as SD's analisadas, observou-se que ao longo de todos esses enunciados, as seqüências discursivas apontaram para um sentido hegemônico e uma Formação Discursiva.

O conceito de FD foi empregado de acordo com a definição dada por Michel Foucault, que a define a partir da reiteração dos sentidos.

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade [...] diremos, por convenção, que se trata de uma **formação discursiva** [...]. (FOUCAULT, 1995, p. 43-4, in JACKS e MACHADO, 2001, p. 282-3).



Apoiado por uma Formação Ideológica, o discurso presente na publicação apresenta cada indivíduo como responsável pela sua saúde e pelo seu corpo, reprivatizando a velhice e, ainda, convertendo a juventude em um valor a ser alcançado.

Mas esse discurso, que se tornou perceptível mediante a análise realizada ao longo desse trabalho, não faz parte apenas dessa revista. Do mesmo modo como ele não termina ali, ali também não é o local em que ele é construído.

Não há jornalismo sem aquilo que costumamos compreender como sendo “exterior”: os fatos, as relações de poder, os contextos sociais, as decisões políticas, os interesses econômicos, as crenças religiosas, as concepções estéticas. Tudo isso, que por uma questão de recorte temos o hábito de deixar “fora” do discurso, na verdade o constitui. O discurso é o resultado de tudo que lhe parece externo (JACKS e MACHADO, 2001, p. 290.).

A revista adere a um discurso pré-existente, ao mesmo tempo em que o reanima permanentemente, num movimento em que mídia e sociedade se alimentam de maneira mútua.

Nesse contexto, uma verdadeira corrida rumo ao corpo ideal, à juventude e ao controle da saúde é aceita e considerada plausível. Ela atinge jovens e idosos, pessoas de diferentes classes sociais, com distintas oportunidades e meios para obter êxito nessa disputa. Esses sujeitos, entretanto, nem sabem ao certo quem são os seus concorrentes “talvez porque a principal competição se passe dentro de cada um, entre o corpo que se é e o ideal de boa forma com que se sonha.” (SANT’ANNA, 2001, p. 70).

## **Referências bibliográficas**

DEBERT, G.G. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 1999

ESCOSTEGUY, A.C. D. **Cartografia dos Estudos Culturais: uma versão latinoamericana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HALL, S. **Quem precisa da identidade?** In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.





LOPES, A. D., MAGALHÃES, N. Você está no comando. **Veja**, São Paulo: Ed. Abril, n. 2139, ano 42, p. 130-138, 18 de novembro. 2009.

MACHADO, M. B., JACKS, N. **O discurso jornalístico**. In: 10º Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2001, Brasília. Anais. Brasília. Compós, 2001.

MACHADO, M. B. **O jornalismo como gênero discursivo**. Galáxia, Brasil, v. 8, n. 15, 2008. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/galaxia/article/view/5730>. Acessado em 12 abr. 2010.

SANT'ANNA, D. B. de. **Corpos de Passagem**: Ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo. Estação Liberdade. 2001.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e Diferença. Petrópolis: Vozes, 2000.